

A Doutrina Secreta

A Síntese da Ciência, Religião e Filosofia

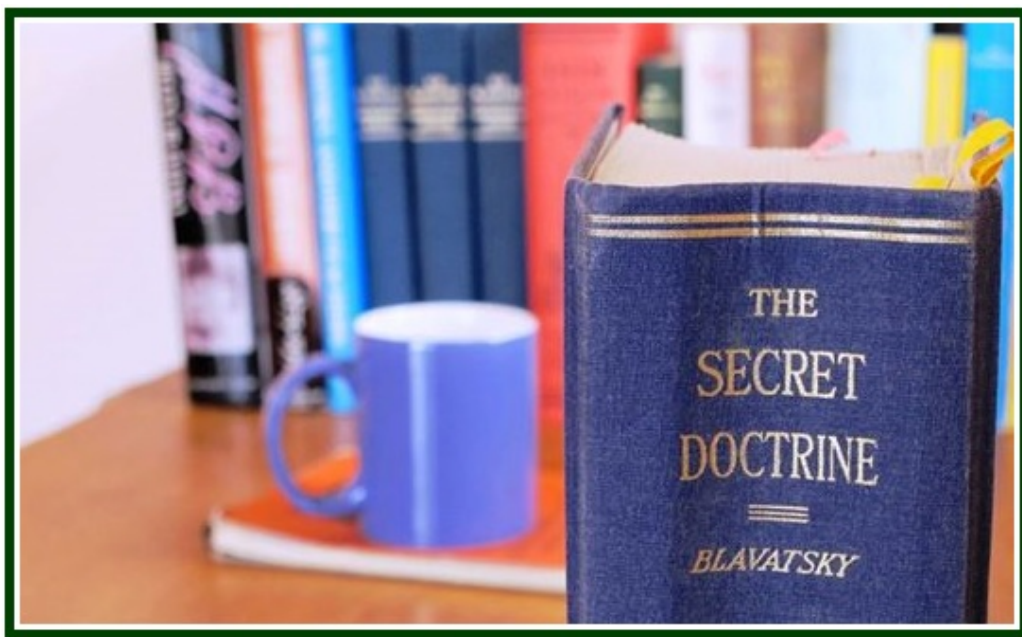
por H. P. Blavatsky

Autora de “Ísis Sem Véu”

सत्यात् नास्ति परो धर्मः ।

“Não há Religião mais elevada que a Verdade”

Vol. II - ANTROPOGÊNESE



The Aquarian Theosophist

de **Helena P. Blavatsky** (1831-1891)

00000000000000000000000000000000000000000000000000000

Sumário

Da Tradução Realizada Até o Momento

Volume II

Antropogênese

Notas Preliminares	2
--------------------------	---

Parte I do Volume II

Estâncias do Livro de Dzyan	14
Estância I - Os Começos da Vida Sensível	20
Os Astrônomos Antediluvianos	
Estância II - Sem Ajuda, a Natureza Falha	

Ἡ ἐμὴ διδασχὴ οὐκ ἔστιν ἐμή, ἀλλὰ τοῦ πέμψαντός με.

“A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou.”

- Evangelho de João, vii, 16.

A ciência moderna insiste na doutrina da evolução; a razão humana e a “Doutrina Secreta” fazem o mesmo, e a ideia é corroborada pelas lendas e mitos antigos, e mesmo pela própria Bíblia quando lida nas entrelinhas. Vemos uma flor desenvolver-se lentamente a partir de um botão, e o botão, a partir da sua semente. Mas de onde provém esta última, com todo o seu programa predeterminado de transformação física, e suas forças invisíveis, portanto *espirituais*, que desenvolvem gradualmente sua forma, cor e odor? A palavra *evolução* fala por si mesma. O germe da atual raça humana deve ter preexistido na progenitora desta raça, assim como a semente, na qual repousa oculta a flor do próximo verão, desenvolveu-se na cápsula de sua flor-progenitora; a mãe pode ser apenas *ligeiramente* diferente, mas, ainda assim, ela difere de sua futura progênie. Os ancestrais antediluvianos dos atuais elefantes e dos lagartos foram, talvez, o mamute e o plesiossauro; por que motivo os progenitores de nossa raça humana não poderiam ter sido os “*gigantes*” dos Vedas, do *Völuspá* e do livro do *Gênesis*? Se é positivamente absurdo acreditar que a “transformação das espécies” ocorreu de acordo com alguns dos pontos de vista mais materialísticos dos evolucionistas, é simplesmente natural pensar que cada gênero, a começar dos moluscos e terminando com o homem, modificou a sua própria forma primordial e característica.

- “Ísis Sem Véu”, H.P. Blavatsky, Ed. Pensamento, São Paulo, vol. I, p. 222.

[A tradução deste trecho foi revisada de acordo com o original em inglês, para a presente edição de “A Doutrina Secreta”. Na edição original de [Isis Unveiled](#), ver vol. I, p. 153.]

Notas Preliminares

[\(Volte para o Sumário\)](#)

Sobre as Estâncias Arcaicas e os Quatro Continentes Pré-Históricos

“Facies totius Universi, quamvis infinitis modis variet, Manet tamen semper eadem.” - Spinoza

“A face externa do Universo inteiro, embora varie infinitamente, permanece sempre a mesma.” - Spinoza ¹

Neste segundo volume, as Estâncias, assim como os comentários sobre elas, são tiradas dos mesmos Registros Arcaicos que as Estâncias sobre a Cosmogonia, no volume I. Fazemos uma tradução tão literal quanto possível; mas algumas das Estâncias eram demasiado complexas para serem compreendidas sem explicação. Assim, tal como foi feito no volume I, elas são apresentadas inicialmente na sua totalidade e tal como estão; e em seguida, à medida que elas são examinadas verso por verso com os seus Comentários, é feita uma tentativa de torná-las mais claras, através de palavras acrescentadas entre colchetes, antecipando a explicação mais completa do Comentário.

A respeito da evolução da humanidade, a Doutrina Secreta postula três novas proposições, que estão em um antagonismo direto tanto em relação à ciência moderna quanto em relação aos dogmas religiosos atuais. Ela ensina: (a) a evolução simultânea de sete grupos humanos em sete porções diferentes do nosso globo; (b) o nascimento do corpo *astral*, antes do corpo *físico*; sendo que o corpo astral é um modelo para o corpo

¹ *Correspondence of Spinoza*, Letter 64. Adotamos a versão em inglês e a referência bibliográfica indicadas na edição de Boris de Zirkoff. (Nota do Tradutor)

físico; e (c) que o homem, nesta Ronda, precedeu todos os mamíferos - inclusive os antropóides -, no reino animal.²

A Doutrina Secreta não está sozinha ao falar dos HOMENS primevos nascidos simultaneamente nas sete divisões do nosso Globo. No *Divino “Pimandro”* de Hermes encontramos os mesmos sete homens primevos³ que surgem da Natureza e do “Homem Celestial”, no sentido coletivo do termo, isto é, surgem dos Espíritos Criativos; e nos fragmentos (coletados por George Smith) das tábuas caldaicas em que está inscrita a Lenda Babilônica da Criação, na primeira coluna da tábua *Cutha*, são mencionados sete seres humanos com caras de corvos (de cor preta, escura), a quem “os (Sete) grandes deuses criaram”. Ou, tal como explicado nas linhas 16 e 18 - “No meio da Terra eles cresceram e se tornaram grandes Sete reis, irmãos da mesma família.” Estes são os Sete Reis de Edom, aos quais é feita referência na Cabala; a primeira raça, que foi *imperfeita*, isto é, nasceu antes que existisse o “equilíbrio” (sexos), e foi portanto destruída. (Zohar, *Siphrah Dzeniouta*, *Idrah Suta*, 2928, *La Kabbale*, p. 205.) “*Sete Reis*, irmãos, apareceram e tiveram filhos, os seus povos contavam 6.000 indivíduos. (Hibbert Lectures, p. 372.) O deus Nergas (morte) os destruiu.” “Como ele os destruiu?” “Colocando em equilíbrio (ou na balança) aqueles que ainda não existiam” (*Siphrah Dzeniouta*). Eles foram “destruídos” como uma raça, ao se misturarem com os seus próprios descendentes (por exsudação); o que significa dizer que a raça sem sexo reencarnou (potencialmente) na raça bissexual; esta última nos Andrógynos; estes, novamente na parte tardia, sexual, da terceira Raça; (veja mais adiante a explicação). Se as tábuas tivessem sido menos mutiladas, seria descoberto que continham, palavra por palavra, o mesmo relato feito nos registros antigos e em Hermes, pelo menos com

² Veja o Gênesis, Cap. ii, 19. Adão é formado no versículo 7, e o versículo 19 afirma: “A partir do chão o Senhor Deus formou *todos os animais do campo, e todos os pássaros do ar; e os trouxe até Adão*, para ver com que nomes ele os chamaria.” Assim, o homem foi criado *antes* dos animais, porque os animais mencionados no capítulo I são os signos do Zodíaco, enquanto o homem, “macho e fêmea”, não é o *homem*, mas a Hoste de Sefiotes; FORÇAS, ou Anjos, “feitos à sua (de Deus) imagem e com base na sua aparência”. O Adão, homem, não é feito segundo aquela imagem, nem isso é afirmado na Bíblia. Aliás, o Segundo Adão é esotericamente um setenário que representa sete homens, ou melhor, sete grupos de homens. Porque o primeiro Adão - o Adão Cadmon - é a síntese dos *dez* Sefiotes. Destes, a tríade mais elevada permanece no Mundo Arquetípico como a futura “Trindade”, enquanto os sete Sefiotes inferiores criam o mundo manifestado material, e *este septenato é o segundo Adão*. O Gênesis e os mistérios sobre os quais ele foi produzido vieram do Egito. O “Deus” do primeiro capítulo do Gênesis é o *Logos*, e o “Senhor Deus” do segundo capítulo representa os Elohim Criativos - os poderes *inferiores*. (Nota de H. P. Blavatsky)

³ Assim fala Pimandro: “Este é o mistério que permaneceu até hoje oculto. A Natureza, mesclando-se com o homem Celestial (Elohim, ou Dhyanis) produziu uma maravilha *Sete homens*, todos machos e fêmeas (Hermafroditas) de acordo com a natureza dos sete Governantes” (Livro II, v. 29) - ou as sete Hostes dos *Pitris* ou Elohim, que os projetaram ou criaram. Isto é muito claro, mas, no entanto, veja as interpretações até mesmo dos nossos teólogos modernos, homens supostamente intelectuais e eruditos! Em “*Theological and Philosophical works of Hermes Trismegistus, Christian (?) Neoplatonist*”, uma obra compilada por John David Chambers, de Oriel College, Oxford, o tradutor se pergunta: “a quem correspondem estes *sete homens*?”. E ele resolve esta dificuldade concluindo que “como o padrão original do homem (*Adão Cadmon conforme o capítulo I do Gênesis*) era masculino-feminino, estes sete devem significar os sucessivos patriarcas mencionados no Gênesis (p. 9) Uma maneira verdadeiramente teológica de cortar o nó górdio. (Nota de H. P. Blavatsky)

relação aos fatos fundamentais, se não nos pequenos detalhes; porque Hermes está em grande parte desfigurado pelas traduções.

Sem dúvida o aparente sobrenaturalismo destes ensinamentos, embora alegórico, é tão diametralmente oposto tanto à letra morta das afirmações da Bíblia ⁴ quanto às hipóteses mais recentes da ciência, que provocará uma apaixonada oposição. No entanto, os Ocultistas sabem que as tradições da Filosofia Esotérica devem ser as corretas, simplesmente porque são as mais lógicas, e reconciliam todas as dificuldades. Além disso, nós temos os “*Livros de Thoth*” e o “*Livro dos Mortos*”, egípcios, e os Puranas hindus com os sete Manus, assim como os relatos caldaico-assírios, cujos tijolos mencionam sete homens primitivos, ou Adãos, e o real significado deste nome pode ser determinado através da Cabala. Aqueles que sabem alguma coisa dos mistérios da Samotrácia⁵ também lembrarão que o nome genérico dos Cabiros ⁶ era “Fogos Divinos”, que criaram, em sete localidades da ilha de *Electria* (ou Samotrácia) o “Cabiro nascido da Divina Lemnos” (a ilha que era sagrada para *Vulcano*).

De acordo com Píndaro (*Ver “Philosophumena”, edição de Miller, p. 98*), este Cabiro, cujo nome era Adamas, foi, nas tradições de Lemnos, o tipo do homem primitivo nascido do seio da Terra. Ele era o arquétipo dos primeiros machos na ordem da geração, e um dos sete ancestrais ou progenitores próprios da humanidade (*ibid.*, p. 108). Se, ao mesmo tempo que associamos com isto o fato de que a Samotrácia era colonizada pelos fenícios, e antes deles pelos misteriosos pelasgos que vieram do Oriente, lembrarmos, também, da identidade dos deuses dos *mistérios* dos fenícios, dos caldeus e dos israelitas, será fácil descobrir de onde veio, igualmente, o confuso relato do dilúvio de Noé. Tornou-se recentemente inegável que os Judeus, tendo obtido as suas primeiras ideias sobre a criação a partir de Moisés, que as obteve dos egípcios, compilaram o seu Gênesis e as suas primeiras tradições cosmogônicas - quando elas foram reescritas por Ezra e outros - a partir do relato Caldaico-Acadiano. Basta, portanto, examinar as inscrições babilônicas e assírias, cuneiformes e outras, para descobrir também nelas, espalhados aqui e ali, não só o significado original do nome Adão, Admi, ou Adami ⁷, mas igualmente a criação dos sete Adãos ou raízes dos homens, nascidos da Mãe Terra, fisicamente, e do *fogo divino* dos progenitores, espiritualmente ou astralmente. Dificilmente se poderia esperar que os assiriólogos, desconhecendo os ensinamentos esotéricos, dessem mais atenção ao misterioso número sete, que reaparece sempre nos cilindros babilônicos, do que a atenção que eles deram a este número ao encontrá-lo no Gênesis e na Bíblia. No entanto o número dos espíritos ancestrais e os seus sete grupos de progênie humana estão lá, apesar da situação dilapidada em que estão os fragmentos, e é possível vê-los com tanta clareza como eles

⁴ Já que agora se afirma que as tábuas Caldaicas, que fazem a descrição alegórica da Criação, da Queda e do Dilúvio, e até da lenda da Torre de Babel, foram escritas “antes do tempo de Moisés” (*veja “Chaldean Account of Genesis”, de G. Smith, p. 86*) de que modo se poderia dizer que o Pentateuco é uma “Revelação”? Ele é simplesmente outra versão da mesma história. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁵ Samotrácia - ilha grega do norte do mar Egeu. (Nota do Tradutor)

⁶ Cabiros - “Kabiri” no original em inglês. Cabiros são gênios ou espíritos benfeitores na mitologia grega. (Nota do Tradutor)

⁷ Veja o item “Adão-Adami” na Parte II deste volume II. (Nota de H. P. Blavatsky)

estão no “*Pimandro*” e no “*Book of the Concealed Mystery*” (*Livro do Mistério Oculto*) da Cabala. Neste último, Adão Cadmon é a ÁRVORE Sefirotal, e também a “Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal”. E esta “Árvore”, diz o verso 32, “tem em torno dela sete colunas”, ou palácios, dos sete Anjos criativos que operam nas esferas dos sete planetas em nosso Globo. Assim como Adão Cadmon é um nome *coletivo*, do mesmo modo é também o nome do homem Adão. George Smith diz em sua obra “*Chaldean Account of Genesis*”:

“A palavra Adão usada nestas lendas para o primeiro ser humano é evidentemente *não um nome próprio, mas é usada apenas como um termo para a humanidade*. O termo Adão aparece como um nome próprio no Gênesis, mas certamente em algumas passagens ele é usado apenas no mesmo sentido que a palavra Assíria.” (p. 86) ⁸

Além disso, nem o dilúvio caldeu nem o dilúvio bíblico (as histórias de Ziusudra ⁹ e Noé) são baseados no dilúvio universal, nem mesmo nos dilúvios de Atlântida, registrados na alegoria indiana do Vaivasvata Manu. Eles são as *alegorias exotéricas baseadas nos mistérios esotéricos* da Samotrácia. Se os caldeus mais antigos conheciam a verdade esotérica oculta nas lendas purânicas, as outras nações estavam conscientes apenas do mistério samotrácio, e o alegorizaram. Eles o adaptaram às suas noções astronômicas e antropológicas, ou melhor, fálicas. A Samotrácia é conhecida *historicamente* como tendo sido famosa na antiguidade por um dilúvio, que submergiu o país e chegou ao topo das mais altas montanhas; fato que aconteceu antes da era dos argonautas. A Samotrácia foi tomada muito subitamente pelas águas do Euxino ¹⁰, considerado até aquele momento como um lago. ¹¹ Mas além disso os israelitas tinham outra lenda como base da sua alegoria: o “dilúvio” deles, que transformou o atual Deserto de Gobi num mar *pela última vez*, cerca de 10 ou 12 mil anos atrás, e que levou um grande número de Noés e suas famílias para as montanhas situadas ao redor. Como só agora os relatos babilônicos foram restaurados, com base em centenas de milhares de fragmentos quebrados (sendo que só a colina de *Kouyunjik* ofereceu durante as escavações de Layard mais de vinte mil fragmentos de inscrições), as provas aqui citadas são comparativamente escassas; no entanto, vistas tal como são, elas corroboram os nossos ensinamentos quase todos, e certamente três, pelo menos. Estes são:

(1) Que a primeira raça a cair na geração foi uma *Raça escura (Zalmat Gaguadi)*, que eles chamam de *Adami* ou Raça escura, e que a *Raça Sarku*, a raça clara, permaneceu pura durante muito mais tempo. ¹²

⁸ Existe uma edição relativamente recente desta obra: “The Chaldean Account of Genesis”, de George Smith, Secret Doctrine Reference Series, Wizards Bookshelf, San Diego, EUA, 1994, 319 páginas. (Nota do Tradutor)

⁹ Ziusudra. No original em inglês Xisuthrus. Também grafado como Xisouthros em português. (Nota do Tradutor)

¹⁰ Euxino - nome dado pelos gregos antigos ao Mar Negro. (Nota do Tradutor)

¹¹ Veja Plínio, 4, Cap. 12; Strabo (Estrabão), 10; Heródoto, 7, Cap. 108; Pausânias, 7, Cap. 4., etc. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹² “Raça escura e raça clara”. Seria uma grande ingenuidade pensar que esta passagem implica algum sentimento racista. Os dois mestres de sabedoria que guiaram Helena Blavatsky durante a redação da presente obra são hindus de pele escura e eram vistos como “negros” pelos “brancos” europeus do século 19. Nas Cartas dos Mahatmas, Carta 10, p. 68 do volume I,

(2) Que os babilônios reconheciam *duas Raças principais* no tempo da Queda, sendo que a Raça dos Deuses (os *duplos* Etéreos dos *Pitris*) precedeu estas duas. Esta é a opinião de Sir H. Rawlinson. Estas “Raças” eram a segunda e a terceira Raça-raiz.

(3) Que estes sete Deuses, cada um dos quais criou um *homem*, ou grupo de homens, eram “os deuses *aprisionados* ou encarnados”. Estes deuses eram: o deus *Zi*; o deus *Ziku* (vida nobre, Diretor de pureza); o deus *Mirku* (nobre coroa), “Salvador da morte dos deuses” (mais tarde) aprisionado, e o criador da “Raça escura que suas mãos haviam feito”; o deus *Libzu*, “sábio entre os deuses”; o deus *Nissi* e o deus *Suhhab*; e *Hea* ou *Sa*, a síntese deles, o deus da sabedoria e do Profundo ¹³, identificado com Oannes-Dagon, no tempo da queda, e chamado (coletivamente) de demiurgo, ou Criador. (*Ver “Chaldean Account of Genesis”, p. 82.*)

Há duas “Criações”, digamos assim, nos fragmentos babilônicos, e como o *Gênesis* aderiu a esta ideia, vemos os seus dois primeiros capítulos diferenciados como a criação dos Elohim e a criação de Jeová. A sua ordem correta, no entanto, não foi preservada nem nestes relatos nem em qualquer outro relato exotérico. Ora, estas “Criações”, de acordo com os ensinamentos ocultos, se referem respectivamente à formação de sete *homens* primordiais pelos progenitores (os Pitris, ou Elohim): e à criação dos grupos humanos depois da queda.

À medida que nós avançarmos, tudo isso será examinado à luz da ciência e serão feitas comparações com base nas escrituras de todas as nações antigas, inclusive a Bíblia. Enquanto isso, antes de nos voltarmos para a *Antropogênese* das Raças pré-históricas, pode ser útil fazer um acordo sobre os nomes a serem dados aos Continentes em que estas quatro grandes Raças, anteriores à nossa raça *Adâmica*, nasceram, viveram e morreram. Os seus nomes arcaicos e esotéricos foram muitos, e variaram conforme o idioma da nacionalidade que os mencionava nos seus registros e nas suas escrituras. Aquilo que no Vendidade ¹⁴, por exemplo é mencionado como Airyanem Vaêgo (ver *Bund. 79,12*), onde nasceu o Zoroastro original ¹⁵, local chamado na literatura purânica

podemos ler estas palavras de um Mahatma: “Poucas pessoas, ou talvez ninguém (...) consentiriam jamais em ter um ‘negro’ como guia ou líder (...). O preconceito racial é intenso, e mesmo na Inglaterra livre somos considerados uma ‘raça inferior’.” Portanto, fica claro que na maior parte dos casos os Mahatmas, Adeptos e grandes Iniciados são “negros” de acordo com o critério do racista “branco” e do intolerante desinformado. (Nota do Tradutor)

¹³ “Profundo” - ou Abismo. No original, “*Deep*”. A palavra pode ser traduzida das duas maneiras, ou ainda como “oceano cósmico”, e ocorre com frequência na presente obra. O termo “Profundo” é a tradução literal e direta de “*Deep*”, e é usável como substantivo em língua portuguesa. (Nota do Tradutor)

¹⁴ “Vendidade” (*Vendidad* em inglês,) é uma antiga compilação zoroastrista de mitos, orações e práticas religiosas que servem para a defesa contra energias negativas. O Zoroastrismo é uma religião da antiga Pérsia (atual Irã). (Nota do Tradutor)

¹⁵ Com “original” queremos dizer “Amshaspend”, chamado “Zaratustra, o senhor e governante do Vara feito por Yima naquela terra”. Houve vários Zaratustras ou Zertusts, e só o Dabistan enumera treze; mas estes Zaratustras eram todos, reencarnações, do primeiro. O último Zoroastro foi o fundador do templo do Fogo, de Azareksh, e autor das obras da religião sagrada primitiva dos Magos, destruída por Alexandre. (Nota de H. P. Blavatsky)

de “Sveta-Dwipa”, “Monte Meru”, morada de Vishnu, etc., etc.; e na Doutrina Secreta é mencionado simplesmente como a terra dos “Deuses”, sob os seus chefes, os “Espíritos deste Planeta”.

Portanto, tendo em vista a confusão possível e mesmo provável que pode surgir, consideramos mais conveniente adotar, para cada um dos quatro continentes a serem constantemente mencionados, um nome mais familiar para o leitor culto. Decidimos, então chamar o primeiro continente, ou melhor, a primeira *terra firma* na qual a primeira Raça foi produzida pelos progenitores divinos, de -

I. “A Terra Sagrada Imperecível”.

As razões para este nome são explicadas da seguinte maneira: Afirma-se que esta “Terra Sagrada” - da qual falaremos mais adiante - nunca teve o mesmo destino que os outros continentes; porque é a única cujo destino é durar desde o começo até o final do Manvântara, passando através de cada Ronda. É o berço do primeiro homem e a morada do último mortal *divino*, escolhido como um *Sishta* para a futura semente de humanidade. Muito pouco pode ser dito sobre esta terra misteriosa e sagrada, exceto, talvez, usando uma expressão poética de um dos Comentários, que “a estrela polar mantém um olhar vigilante sobre ela, desde a aurora até o final do anoitecer de ‘um dia’ da GRANDE RESPIRAÇÃO”.¹⁶

II. “HIPERBÓREO” será o nome escolhido para o Segundo Continente, a terra que espalhou os seus promontórios pelo Sul e pelo oeste a partir do Polo Norte para receber a Segunda Raça, e que incluía tudo o que hoje é conhecido como Norte da Ásia. Este foi o nome dado pelos gregos mais antigos a esta região distante e misteriosa, para a qual, segundo a tradição deles, Apolo, o “Hiperbóreo” viaja todos os anos. Desde o ponto de vista *astronômico*, Apolo é naturalmente o Sol, que, abandonando os seus santuários helênicos, gostava de visitar anualmente o seu país distante, onde, dizia-se, o Sol nunca se põe durante metade do ano. *Εγγὺς γὰρ νυκτός τε καὶ ἡματός εἰσι κέλευθοι*, diz um verso da Odisseia (X, 86).

Mas desde o ponto de vista *histórico*, ou melhor, talvez, etnológico e geológico, o significado é diferente. A terra dos hiperbóreos, o país situado além do Bóreas, o deus de coração gelado das neves e dos furacões, que amava dormir pesadamente na cadeia do Monte Rifeu¹⁷, não era nem um país ideal, como imaginam os especialistas em mitologia, nem tampouco uma terra situada perto da Cítia e do Danúbio.¹⁸ Era um verdadeiro Continente, uma terra *real* que não tinha inverno naqueles tempos iniciais, e cujos pobres restos não têm mais do que uma noite e um dia durante o ano, mesmo hoje. As sombras noturnas nunca caem sobre ela, dizem os gregos; porque é *a terra dos Deuses*, a moradia favorita de Apolo, o deus da luz, e os seus habitantes são os amados sacerdotes e servidores de Apolo. Isso atualmente pode ser visto como uma *ficção* apresentada em linguagem poética, mas na época era uma *verdade*, descrita de forma poética.

¹⁶ Chamado na Índia de “Dia de Brahma”. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁷ “*Mount Rhiphaeus*” na edição original de 1888. (Nota do Tradutor)

¹⁸ Veja Volcker, “*Mythological Geography*”, pp. 145 até 170. (Nota de H. P. Blavatsky)

III. Vamos chamar o terceiro Continente de “Lemúria”. O nome é uma invenção, ou uma ideia, do sr. P.L. Sclater, que anunciou, entre 1850 e 1860, com base em uma argumentação zoológica, a real existência em tempos pré-históricos de um Continente que ele descreveu como se estendendo desde Madagáscar até o Ceilão e Sumatra. Dele faziam parte algumas porções do que é agora África; mas com esta exceção o gigantesco continente que ia desde o Oceano Índico até a Austrália desapareceu inteiramente sob as águas do Pacífico, deixando aqui e ali os topos das suas regiões montanhosas, que hoje são ilhas. O sr. A. R. Wallace, o naturalista, “estende a Austrália dos períodos terciários até Nova Guiné e as Ilhas Salomão, e talvez até Fiji”; e dos tipos marsupiais da Austrália ele deduz que havia “uma conexão com o Continente do Norte durante o período Secundário”, escreve o sr. C. Gould no livro “*Mythical Monsters*”, p. 47. O assunto é tratado extensamente em outro lugar.¹⁹

IV. “Atlântida” é o Quarto Continente. Seria a primeira terra histórica, se as tradições dos antigos recebessem mais atenção do que receberam até agora. A famosa ilha de Platão, chamada “Atlântida”, foi apenas um fragmento deste grande Continente. (Veja o livro “*O Budismo Esotérico*”, de A.P. Sinnett.)

V. O Quinto Continente era a América; mas, como ela está situada nos Antípodas, são a Europa e a Ásia Menor, quase contemporâneas da América, que os Ocultistas Indo-Arianos geralmente citam como quinto continente. Se o ensinamento deles seguisse a ordem geológica e geográfica da aparição dos Continentes, esta classificação teria que ser alterada. Mas como a sequência dos Continentes é feita de uma forma que segue a ordem da evolução das Raças, da primeira até a quinta - a nossa Raça-raiz ariana -, a Europa deve ser chamada de quinto grande Continente. A Doutrina Secreta não registra ilhas e penínsulas, nem segue a distribuição moderna de terras e mares. Desde a época dos seus primeiros ensinamentos e da destruição da grande Atlântida, a face da Terra mudou mais de uma vez. Houve um tempo em que o delta do Egito e o Norte da África pertenciam à Europa, antes que a formação do Estreito de Gibraltar, e um levantamento posterior do continente, alterassem inteiramente o aspecto do mapa da Europa. A última grande mudança ocorreu cerca de 12.000 anos atrás²⁰, e foi acompanhada pela

¹⁹ Deve-se destacar, no entanto, que o sr. Wallace não aceita a ideia do sr. Sclater, e mesmo se opõe a ela. O sr. Sclater supõe a existência de uma terra ou continente que teria anteriormente unido África, Madagáscar, e Índia (mas não Austrália e Índia); e o sr. A.R. Wallace mostra em “*Geographical Distribution of Animals*” e “*Island Life*”, de sua autoria, que a hipótese de uma tal ilha não tem qualquer sustentação no plano zoológico. Mas ele admite que uma proximidade muito maior entre Índia e Austrália realmente existiu, e num tempo tão remoto que era “certamente pré-terciário”, e ele acrescenta numa carta pessoal que “não foi dado nome algum para esta suposta terra”. No entanto a terra existiu de fato, e foi naturalmente *anterior ao terciário*, porque a “Lemúria” (se aceitarmos este nome para o terceiro Continente) havia perecido antes que Atlântida se desenvolvesse completamente; e a Atlântida mais tarde afundou e as suas principais regiões desapareceram antes do fim do período miocênico. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁰ Mais uma coincidência - “Agora ficou comprovado que em tempos geológicos recentes, *esta região do Norte da África era de fato uma península da Espanha*, e a sua unificação com a África propriamente dita foi efetuada no Norte pela ruptura de Gibraltar, e no Sul por um levantamento ao qual o Sahara deve a sua existência. As praias deste mar anterior do Sahara ainda estão assinaladas pelas conchas dos mesmos gastrópodes que vivem nas margens do Mediterrâneo.” (Prof. Oscar Schmidt, “*Doctrine of Descent and Darwinism*”, p. 244.) (Nota de H. P. Blavatsky)

submersão da pequena ilha Atlântica de Platão, que ele chama de Atlântida, com base no seu continente de origem. A Geografia era parte dos mistérios, nos dias de antigamente. O *Zohar* afirma (III, fol. 10-a): “Estes segredos (da terra e do mar) eram divulgados *aos homens da ciência secreta*, mas não aos geógrafos.”

A afirmação de que o homem físico foi originalmente um colossal gigante pré-terciário, e de que ele existiu 18 milhões de anos atrás, deve naturalmente parecer absurda para quem admira os conhecimentos modernos e acredita neles. Toda a *comunidade organizada* dos biólogos rejeitará a ideia desta terceira raça Titã da era Secundária, cujos membros eram capazes de enfrentar com sucesso os gigantescos monstros do ar, do mar e da terra daquela época, assim como os seus ancestrais - os protótipos etéreos dos Atlantes - tinham tido pouca necessidade de temer o que não podia atingi-los. O antropólogo moderno tem o nosso apoio para rir à vontade dos nossos Titãs, assim como ele ri do Adão bíblico, e do mesmo modo que o teólogo ri do ancestral parente dos macacos. A esta altura os Ocultistas e os seus críticos severos podem sentir que acertaram as contas uns com os outros. De qualquer modo, as ciências Ocultas têm menos pretensões, e certamente explicam mais do que a Antropologia Darwiniana, e a Teologia Bíblica.

A Cronologia Esotérica tampouco deveria assustar ninguém, porque, em relação a números, as maiores autoridades de hoje são tão instáveis e tão inseguras como as ondas do Mediterrâneo. Só em relação à duração dos períodos geológicos, os eruditos da Royal Society estão todos irremediavelmente perdidos, e saltam de um milhão para quinhentos milhões de anos com a maior facilidade, conforme veremos mais de uma vez ao longo desta comparação.

Vejamos um exemplo em função do nosso propósito atual - os cálculos do sr. Croll. Quer seja que, de acordo com esta autoridade, o tempo decorrido desde o começo da era terciária ou período Eoceno é de 2.500.000 anos, segundo as palavras dele citadas por um geólogo norte-americano ²¹, quer seja que o sr. Croll “admite quinze milhões [de anos] desde o começo do período Eoceno”, conforme citado por um geólogo inglês ²², as duas cifras são coerentes com as afirmações feitas pela Doutrina Secreta. ²³ Porque

²¹ A. Winchell, Professor de Geologia, “*World-life*”, p. 369. (Nota de H. P. Blavatsky)

²² Sr. Charles Gould, ex-pesquisador em Geologia da Tasmânia, na obra “*Mythical Monsters*”, p. 84. (Nota de H. P. Blavatsky)

²³ Sir Charles Lyell, a quem se atribui ter tido “a *felicidade* de inventar os termos Eoceno, Mioceno e Plioceno”, para assinalar as três divisões da era Terciária, deveria realmente ter estabelecido alguma era aproximada para os seus “filhos Mentais”. Tendo, no entanto, deixado a duração destes períodos a cargo da especulação dos especialistas, os resultados daquela feliz ideia são uma enorme confusão e uma grande perplexidade. Parece ser uma missão impossível citar um conjunto de dados de uma obra, sem correr o risco de vê-los desmentidos pelo mesmo autor num livro anterior, ou num livro posterior. Sir W. Thomson, um dos indivíduos mais eminentes entre as autoridades modernas, mudou cerca de meia dúzia de vezes a sua opinião sobre a idade do Sol e a data da consolidação da crosta terrestre. Na obra “*Natural Philosophy*”, de Thomson e Tait, afirma-se que passaram apenas dez milhões de anos desde a época em que a temperatura permitiu que aparecesse nela a vida vegetal (*App. D e seguintes, e também Transact. Royal Soc. Edinb*, xxiii, Pt. I, 157, 1862, em que 847 está cancelado.) O sr. Darwin afirma que a estimativa de Sir Thomson é “um mínimo de 98 e um máximo de 200 milhões de anos desde a consolidação da crosta” (ver Ch. Gould). Na mesma obra (“*Natural Philosophy*”),

atribuir, como faz este último, quatro ou cinco milhões ao período entre o começo e o fim da evolução da Quarta Raça-Raiz, nos continentes lemuro-atlantes; um milhão de anos para a Quinta Raça ou Raça Ariana, até o momento atual; e cerca de 850.000 anos desde a submersão da última grande península da grande Atlântida - tudo isso pode ter facilmente ocorrido dentro dos 15 milhões de anos concedidos pelo sr. Croll à Era Terciária. Mas, *cronologicamente* falando, a duração do período tem uma importância secundária, já que, afinal, temos alguns cientistas norte-americanos nos quais podemos nos apoiar. Estes cavalheiros, imperturbáveis diante do fato de que as suas afirmações são chamadas não só de dúbias mas também de absurdas, defendem a tese de que o homem existia já na Era Secundária. Eles encontraram sinais de pegadas humanas em rochas da Era Secundária; e, além disso, o sr. Quatrefages não encontra qualquer razão *científica* válida pela qual o homem não poderia ter existido durante a Era Secundária.

As “Eras” e os períodos em geologia são na verdade termos puramente convencionais, porque ainda estão delineados de modo muito precário; e além disso, não há dois geólogos ou naturalistas que concordem quanto às datas indicadas. Assim, uma larga margem de escolha é oferecida aos Ocultistas pela comunidade dos eruditos. Devemos considerar que um dos nossos apoiadores é o sr. T. Mellard Reade? Este cavalheiro, num texto sobre “Limestone as an Index of Geological Time”, lido por ele em 1878 na Royal Society, afirma que o tempo *mínimo* requerido para a formação dos *estratos* sedimentários e a eliminação da matéria calcária é em números redondos 600 milhões de anos (ver “*Proceedings of Royal Society*”, Londres, Vol. XXVIII, p. 281). Ou devemos pedir apoio para a nossa cronologia às obras do sr. Darwin, em que ele exige com base na sua teoria entre 300 e 500 milhões de anos para as transformações orgânicas? Sir C. Lyell e o prof. Houghton ficaram satisfeitos atribuindo o começo da Era Cambriana respectivamente a 200 e 240 milhões de anos. Geólogos e zoólogos pedem o tempo máximo, embora o sr. Huxley, em certa ocasião, tenha situado o começo da incrustação da Terra um milhão de anos atrás, sem abrir mão de um só milênio deste total.

Mas para nós o principal ponto não é a concordância ou discordância dos naturalistas quanto à duração dos períodos geológicos, mas sim o perfeito acordo que há entre eles em um ponto - algo assombroso - e o ponto é de grande importância. Eles todos concordam em dizer que durante a “Era do Mioceno” - esteja ela situada há um milhão de anos ou dez - a Groenlândia ²⁴, e mesmo Spitsbergen ²⁵, remanescentes do nosso

afirma-se que passaram 80 milhões de anos desde o começo da incrustação até o presente estado do mundo. E na sua palestra mais recente, como mostrado em outra parte, Sir W. Thomson declara (1887) que o Sol não é mais antigo do que 15 *milhões* de anos! Enquanto isso, baseando os seus argumentos quanto aos limites da antiguidade do calor solar em cifras estabelecidas anteriormente por Sir W. Thomson, o sr. Croll atribui 60 *milhões* de anos ao tempo passado desde o início do período cambriano. Isso dá muita esperança aos que amam o conhecimento *exato*. Deste modo, sejam quais forem as cifras indicadas pela Ciência Oculta, elas serão seguramente corroboradas pelas afirmações de alguns dos cientistas modernos vistos como autoridades. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁴ Groenlândia (português brasileiro), ou Gronelândia (português europeu), também conhecida como Groelândia. No original em inglês, *Greenland*. (Nota do Tradutor)

²⁵ Spitsbergen: em inglês, *Spitzbergen*. A maior ilha do arquipélago ártico de Svalbard. Pertence à Noruega. (Nota do Tradutor)

Segundo Continente ou Continente Hiperbóreo, “tinham *quase um clima tropical*”. Ora, os gregos pré-homéricos haviam preservado uma tradição vívida sobre esta “Terra do Sol Eterno”, para a qual o seu Apolo viajava todos os anos. A Ciência afirma que “durante a Era do Mioceno, a Groenlândia (a 70 graus da Latitude Norte) desenvolveu uma abundância de árvores, entre elas o Teixo, o Pau-Brasil, a Sequoia, combinadas com as espécies californianas, a Faia, o Plátano, o Salgueiro, o Carvalho, o Álamo, a Nogueira, assim como a Magnólia e uma *Zamia*”; em resumo, a Groenlândia tinha plantas do hemisfério Sul e desconhecidas nas regiões do Norte.

E agora surge uma questão natural. Se na época de Homero os gregos sabiam de uma terra Hiperbórea, isto é, uma terra abençoada além do alcance de Bóreas, o deus do inverno e do furacão, uma região ideal que os gregos posteriores e os seus clássicos tentaram em vão localizar procurando por ela além da Cítia, um país em que as noites eram curtas e os dias eram longos, e além daquela terra um país em que o Sol nunca se punha e as palmeiras cresciam livremente - se eles sabiam de tudo isso, quem contou estas coisas a eles? Na época deles, e durante eras antes deles, a Groenlândia deve certamente ter estado coberta de neve perpétua, com gelo permanente, assim como é agora. Tudo tende a mostrar que a terra das noites curtas e dias longos era a Noruega ou a Escandinávia, *além* da qual estava a terra abençoada da luz e do verão eternos; e para saber disso, essa tradição dos gregos deve ter chegado a eles desde um povo mais antigo que eles, um povo que estivesse familiarizado com aqueles detalhes climáticos dos quais os próprios gregos não podiam saber nada. Mesmo em nossos dias, a ciência pensa que pode existir, além dos mares Polares e no próprio círculo do polo Ártico, um mar que nunca se congela e um continente que é sempre verde. Os ensinamentos arcaicos - e também os Puranas, para quem entende as alegorias destes últimos - contêm as mesmas afirmações. Resta, então, para nós, a forte probabilidade de que um povo, agora desconhecido pela História, tenha vivido durante o período Mioceno da ciência moderna, em uma época em que a Groenlândia era uma terra quase tropical.

000

NOTA.

O leitor deve ter presente o fato de que a primeira seção deste volume dois e as seções que lhe seguem não são estritamente consecutivas em termos de tempo. Na primeira seção, são dadas as Estâncias que formam a estrutura básica da exposição, e alguns pontos importantes são comentados e explicados. Nas seções seguintes são reunidos vários detalhes adicionais, e tentamos fazer uma explanação mais completa do assunto.

Volume II – Parte I

Antropogênese

Estâncias Traduzidas com Comentários

DO

LIVRO SECRETO DE DZYAN.

“Em tempos primitivos, uma virgem,
A Bela Filha do Éter,
Passou durante eras a sua existência
Na grande extensão do Céu,

.....
Por setecentos anos ela peregrinou,
Por setecentos anos ela trabalhou,
Antes que o seu primogênito nascesse.

.....
Antes que uma bela pata, descendo,
Se dirigisse apressada à água-mãe.

.....
Com leveza ela se apoia no joelho,
Procurando local adequado para o ninho
Para pôr seus ovos em segurança
E coloca os ovos no interior, à vontade,
Seis, os ovos de ouro que ela coloca,
Depois um *Sétimo*, um ovo de ferro...”

(*Kalevala, Runa I.*)

DOZE ESTÂNCIAS DO LIVRO DE DZYAN:

([Volte para o Sumário](#))

A ANTROPOGÊNESE NO VOLUME SECRETO

(Trechos Transcritos Literalmente) ²⁶

I

1.O Lha que faz girar o quarto é servidor do Lha dos Sete, eles fazem a volta guiando suas carruagens ao redor do seu Senhor, o Olho Único. Seu alento deu vida aos Sete; deu vida ao primeiro.

2.A Terra disse: - “Senhor da Face Brilhante; minha casa está vazia..... envia teus filhos para povoar esta roda. Tu mandaste teus sete filhos para o Senhor da Sabedoria. Ele te vê sete vezes mais perto de si, te sente sete vezes mais. Proibiste aos teus servidores, os pequenos anéis, de pegarem tua luz e teu calor e de interceptarem a tua grande generosidade ao passar. Envia-os agora à tua serva.”

3.O “Senhor da Face Brilhante” disse: “Eu te enviarei um fogo quando teu trabalho tiver começado. Ergue tua voz até outros Lokas; pede a teu pai, o Senhor do Lótus, pelos filhos dele A tua gente estará sob a direção dos Pais. Os teus homens serão mortais. Os homens dos Senhores da Sabedoria são imortais, os Filhos Lunares, não. Pára de reclamar. Tuas sete peles ainda estão sobre ti Tu não estás pronta. Teus homens não estão prontos.”

4.Depois de grandes sofrimentos ela desembaraçou-se de suas três peles velhas e vestiu suas sete novas peles, e permaneceu na sua primeira.

II

5.A roda girou durante mais 300 milhões. Ela construiu rupas: pedras suaves que endureceram; plantas duras que se tornaram suaves. O visível do invisível, insetos e vidas pequenas. Ela os sacudia do seu dorso sempre que eles devastavam a mãe. Depois de 300 milhões ela se tornou redonda. Ela se inclina sobre as suas costas, de lado Ela não queria chamar nenhum filho do Céu, não solicitava nenhum filho da Sabedoria. Ela criava do seu próprio seio. Ela produziu homens-aquáticos, terríveis e maus.

²⁶ Apresentamos aqui apenas 49, entre centenas de Slokas. Nem todos os versos são traduzidos literalmente. Às vezes, empregamos uma perífrase para que o texto seja claro e compreensível, em passagens em que uma tradução literal seria completamente ininteligível. (Nota de H. P. Blavatsky)

6.Ela própria criou os homens-aquáticos terríveis e maus a partir dos restos de outros, formou-os com a escória e o lodo dos seus primeiros, segundos e terceiros. Os Dhyanis vieram e olharam - Os Dhyanis vieram do claro Pai-Mãe, das regiões brancas, da moradia dos mortais imortais.

7.Eles ficaram descontentes. Nossa carne não está lá. Não há rupas adequados para nossos irmãos da quinta. Não há moradias para as vidas. Eles devem beber águas puras, e não turvas. Vamos secá-las.

8.As chamas vieram. Os fogos com as centelhas; os fogos da noite e os fogos do dia. Eles secaram as águas turvas e escuras. Com seu calor as extinguiram. Vieram os Lhas do Alto e os Lhamayin de Abaixo. Eles mataram as formas que tinham duas e quatro faces. Lutaram contra os homens-cabra, contra os homens com cabeça de cachorro e contra os homens com corpo de peixe.

9.A mãe-água, o grande mar, chorou. Ela ergueu-se e desapareceu na lua que a havia elevado, que lhe havia dado nascimento.

10.Quando eles foram destruídos, a Mãe-terra ficou sem nada. Ela pediu para ser secada.

III

11.O Senhor dos Senhores veio. Ele separou do corpo dela as águas, e aquilo foi o Céu acima, o primeiro Céu.

12.Os grandes Chohans chamaram os Senhores da Lua, dos corpos aéreos. “Produzam homens, homens da sua natureza, deem a eles as suas formas internas. Ela construirá a cobertura por fora. Eles serão masculino-femininos. Também Senhores da Chama”

13.Cada um deles foi para o território que lhe foi destinado; eram sete, cada um na sua área. Os Senhores da Chama permaneceram atrás. Eles não queriam vir, não queriam criar.

IV

14.As Sete Hostes, os “Senhores Nascidos-pela-Vontade”, movidos pelo Espírito da Doação de Vida, separaram os homens de si, cada um na sua própria região.

15.Nasceram sete vezes sete Sombras de homens futuros, cada homem com sua cor e seu tipo. Cada um inferior a seu pai. Os pais, os sem ossos, não podiam dar vida a seres dotados de ossos. Seus descendentes eram Bhuta, sem forma e sem mente. Por isso eram chamados de Chhaya.

16.Como nascem os Manushya? Os Manus com mentes, como são feitos? Os pais chamaram, para ajudá-los, o seu próprio fogo, que é o fogo que queima na Terra. O Espírito da Terra chamou em sua ajuda o Fogo Solar. Com seus esforços conjuntos,

estes três produziram um bom Rupa. Ele podia ficar em pé, caminhar, correr, reclinar-se, ou voar. Porém ele ainda era um Chhaya, uma sombra destituída de sentidos.....

17.O Alento precisava de uma forma; os Pais a deram. O Alento precisava de um corpo denso; a Terra o moldou. O Alento necessitava do Espírito da Vida; os Lhas Solares o colocaram, com sua respiração, na sua forma. O Alento necessitava um Espelho do seu Corpo; “Nós demos a ele o nosso próprio”, disseram os Dhyanis. O Alento necessitava um Veículo de Desejos; “Ele o tem”, disse o Drenador das Águas. Mas o Alento necessita de uma mente capaz de abarcar o Universo; “Não podemos dar isso”, disseram os Pais. “Nunca tive isso”, disse o Espírito da Terra. “A Forma seria destruída se eu lhe desse a minha”, disse o Grande Fogo..... O homem permaneceu sendo um Bhuta, vazio e sem sentidos..... Assim os sem-ossos deram vida a aqueles que se tornaram homens com ossos na terceira.

V

18.Os primeiros eram os filhos da Ioga. Seus filhos, os filhos do Pai Amarelo e da Mãe Branca.

19.A Segunda Raça foi produto da gemação ²⁷ e da expansão, a assexuada que surgiu da sem-sexo.²⁸ Assim, ó Lanu, surgiu a Segunda Raça.

20.Seus pais eram Autonascidos. Os Autonascidos, os Chhayas surgidos dos corpos luminosos dos Senhores, os Pais, os Filhos do Crepúsculo.

21.Quando a Raça envelheceu, as águas antigas misturaram-se com as mais recentes. Quando suas gotas ficaram turvas, elas se desfizeram e desapareceram na nova corrente, a corrente quente da vida. O externo da primeira tornou-se o interno da segunda. A velha Asa tornou-se a nova Sombra, e a Sombra da Asa.

VI

22.Então a segunda produziu os nascidos-de-Ovos, a Terceira. O suor cresceu, suas gotas cresceram, se tornaram firmes e redondas. O Sol o aqueceu; a Lua o esfriou e lhe deu forma; o vento o alimentou até o seu amadurecimento. O cisne branco do firmamento estrelado protegia a grande gota. O ovo da raça futura, o Homem-cisne da terceira posterior. Primeiro, masculino-feminino, depois homem e mulher.

23.Os Autonascidos eram os Chhayas: as sombras surgidas dos corpos dos Filhos do Crepúsculo.

²⁷ Gemação (“Budding” no original em inglês): Tipo de reprodução assexuada que ocorre em certos organismos e que se dá pelo surgimento de uma massa celular protuberante, que cresce e se diferencia, dando origem a um novo indivíduo. Sinônimo: brotamento. (Ver dicionário “Novo Aurélio da Língua Portuguesa”, edição 1999.) (Nota do Tradutor)

²⁸ Aqui são dados o espírito e a ideia da frase, já que uma tradução verbal significaria muito pouco para o leitor. (Nota de H. P. Blavatsky)

VII

24.Os Filhos da Sabedoria, os Filhos da Noite, prontos para o renascimento, desceram. Viram as formas vis da Primeira Terceira. “Podemos escolher”, disseram os Senhores, “temos sabedoria”. Alguns entraram nos Chhayas. Alguns projetaram a centelha. Alguns postergaram até a Quarta. Com o seu próprio Rupa encheram Kama. Aqueles que entraram se tornaram Arhats. Aqueles que só receberam uma centelha permaneceram destituídos de conhecimento; a centelha queimava com pouca força. A terceira permaneceu sem mente. Os Jivas deles não estavam preparados. Estes foram colocados à parte entre os sete. Eles passaram a ter cabeças-estreitas. Os terceiros estavam prontos. “Vamos habitar estes”, disseram os Senhores da Chama.

25.Como agiram os Manâsa, os Filhos da Sabedoria? Eles rejeitaram os Autonascidos. Eles não estão prontos. Eles rejeitaram os nascidos-por-Suor. Eles não estão bem prontos. Eles não queriam entrar nos primeiros nascidos-de-Ovos.

26.Quando os nascidos-por-Suor produziram os nascidos-de-Ovos, os duplos e os poderosos, os poderosos com ossos, os Senhores da Sabedoria disseram: “Agora nós vamos criar.”

27.A Terceira Raça se tornou o Vahan ²⁹ dos Senhores da Sabedoria. Ela criou os “Filhos da Vontade e da Ioga”, criou-os por Kriyashakti, eles, os Pais Sagrados, os ancestrais dos Arhats.

VIII

28.Das gotas de suor, do resíduo da substância, da matéria procedente dos cadáveres dos homens e dos animais da roda anterior, e do pó jogado fora, foram produzidos os primeiros animais.

29.Animais com ossos, dragões do abismo e Sarpas ³⁰ voadoras foram acrescentados aos seres que rastejam. Os que rastejam pelo solo obtiveram asas. Os aquáticos de pescoço longo foram os ancestrais das aves do ar.

30.Durante a Terceira Raça, os animais sem ossos cresceram e mudaram: eles se tornaram animais com ossos, os seus Chhayas se tornaram sólidos.

31.Os animais foram os primeiros a se separarem. Eles começaram a procriar. Também o homem duplo se separou. Ele disse: “Façamos como eles; unamo-nos e procriemos.” E assim fizeram.

32.E aqueles que não tinham centelha tomaram para si enormes fêmeas animais. Geraram raças mudas. Eles próprios eram mudos. Mas as suas línguas se soltaram. As

²⁹ *Vahan*. Do sânscrito: veículo, instrumento, aquilo que transporta algo imaterial. (Nota do Tradutor)

³⁰ *Sarpas*: Do sânscrito, *serpentes*. (Nota do Tradutor)

línguas da sua prole permaneceram mudas. Procriaram monstros. Uma raça de monstros encurvados, cobertos de cabelos vermelhos, andando em quatro patas. Uma raça muda para que a vergonha não fosse narrada.

IX

33.Ao verem isso, os Lhas, que não tinham construído os homens, choraram, dizendo:

34.“Os Amanasas degradaram nossas habitações futuras. Isto é Carma. Usemos as outras habitações. Devemos ensinar-lhes melhor, para evitar que ocorra o pior.” Eles fizeram.....

35.Então todos os homens foram dotados de Manas. Eles viram o pecado dos que não tinham mente.

36.A Quarta Raça desenvolveu a fala.

37.O Um se converteu em Dois; também todos os seres vivos e rastejantes que ainda eram uma unidade; peixes-pássaros gigantescos e serpentes de cabeças com carapaças.

X

38.Assim, de dois em dois, nas sete regiões, a Terceira Raça deu nascimento aos homens da Quarta Raça; os deuses se converteram em não-deuses; os suras se tornaram a-suras.³¹

39.A primeira, em todas as regiões, tinha a cor da lua; a segunda era amarela como ouro; a terceira, vermelha; a quarta, castanha, que se tornou preta pelo pecado. As primeiras sete ramificações humanas eram todas da mesma cor. As sete ramificações seguintes começaram a misturar-se.

40.Assim a Quarta chegou a ser alta devido ao orgulho. Disseram: “Nós somos os reis, nós somos os deuses.”

41.Tomaram esposas lindas ao olhar. Esposas vindas dos que não tinham mentes, os de cabeça estreita. Criaram monstros. Demônios maldosos, masculinos e femininos, também Khado (Dakini), de mentes pequenas.

42.Construíram templos para o corpo humano. Adoraram o masculino e o feminino. Então o Terceiro Olho deixou de funcionar.

XI

43.Eles construíram cidades enormes. Construíram com terras e metais raros, e com base nos fogos expelidos, na pedra branca das montanhas e na pedra negra, eles talharam suas próprias imagens, conforme seu tamanho e semelhança, e as adoraram.

³¹ *Suras*: Do sânscrito, Deuses. *A-suras*: não-deuses. (Nota do Tradutor)

44.Construíram grandes imagens com altura de nove yatis ³², o tamanho dos seus corpos. Fogos internos haviam destruído a terra dos seus pais. A água ameaçava a quarta.

45.Vieram as primeiras grandes águas. Submergiram as sete grandes ilhas.

46.Todos os Sagrados foram salvos, os Não-sagrados, destruídos. Com eles, a maior parte dos animais gigantescos, produzidos do suor da terra.

XII

47.Poucos homens permaneceram: alguns amarelos, alguns castanhos e pretos, e alguns vermelhos permaneceram. Os de cor da lua desapareceram para sempre.

48.A quinta, produzida da estirpe Sagrada, permaneceu; ela foi governada pelos primeiros Reis divinos.

49..... Quem voltou a descer, quem estabeleceu a paz com a quinta, quem a ensinou e a instruiu.

³² *Yati*: Do sânscrito, medida equivalente a três metros. A Quarta Raça era a raça dos gigantes humanos. (Nota do Tradutor)

Estância I ³³

Os Começos da Vida Sensível

[\(Volte para o Sumário\)](#)

(1) **O** LHA, ou Espírito da Terra. (2) Invocação da Terra ao Sol. (3) O que o Sol responde. (4) A transformação da Terra.

1. O Lha (*a*) que faz girar o quarto (*Globo, a nossa Terra*) é servidor do (*dos*) Lha (*ou Lhas*) dos Sete (*os espíritos Planetários*) (*b*), eles fazem a volta guiando suas carruagens ao redor do seu Senhor, o Olho Único (*Loka-Chakshub*) do nosso mundo. Seu alento dá vida aos Sete ³⁴ (*dá luz aos planetas*). Ele deu vida ao Primeiro (*c*). “Todos eles são Dragões de Sabedoria”, acrescenta o Comentário (*d*).

(*a*) *Lha* é a palavra antiga, nas regiões que estão além dos Himalaias, para “Espírito”, qualquer Ser celestial ou *sobre-humano*, e isso inclui toda a série de hierarquias celestiais, desde os Arcanjos, ou Dhyanis, até um anjo da escuridão, ou Espírito terrestre.

(*b*) Esta expressão mostra em linguagem clara que o Espírito-Guardião do nosso globo, que é o quarto na cadeia, está subordinado ao Espírito chefe (ou Deus) dos Sete Gênios

³³ Todas as palavras e frases colocadas entre parênteses ou entre colchetes nas Estâncias e nos Comentários são da autora. Em alguns lugares os textos podem estar incompletos e até mesmo inadequados desde o ponto de vista Hindu, mas, para o significado que eles têm no esoterismo de além dos Himalaias, eles estão corretos. Por outro lado, a autora assume responsabilidade por quaisquer erros. A autora jamais alegou ser infalível no plano pessoal, e o que é transmitido com base na sua própria autoridade pode deixar muito a desejar, nos trechos de difícil compreensão em que a metafísica é demasiado profunda. O ensinamento é transmitido tal como ele é compreendido; e como existem sete chaves de interpretação para cada símbolo e alegoria, aquilo que pode não adequar-se a um significado, digamos, desde o ponto de vista psicológico ou astronômico, será reconhecido como correto desde o ponto de vista físico ou metafísico. (Nota de H. P. Blavatsky)

³⁴ Estamos vendo aqui uma transcrição da Estância I com algumas inserções entre parênteses, para fins de comentários que virão a seguir. No entanto, cabe alertar para o fato de que esta transcrição não é sempre literal. Há algumas diferenças sutis aqui e ali entre a primeira versão da estância e a sua “transcrição para fins de comentários”. O mesmo tipo de “transcrição flexível” ocorre no primeiro volume da DS. Sob a direção dos Mestres de Sabedoria, H.P. Blavatsky está traduzindo as Estâncias desde o Senzar, o idioma ideográfico e multidimensional dos Iniciados. Não há portanto a possibilidade de fixar-se a uma letra-morta literal, cujos significados estejam sempre imóveis. O texto é relativamente caleidoscópico. Os parágrafos têm vida, no sentido de que só podem ser entendidos numa leitura vivencial. O estudante deve acolher com boa vontade o sentimento de “absoluta perplexidade”, porque, havendo persistência, a perplexidade abre caminho gradualmente para um novo nível de compreensão. (Nota do Tradutor)

ou Espíritos Planetários. Conforme já foi explicado, os antigos tinham, no seu Kyriel de deuses, sete principais Deuses-Mistérios, cujo chefe era, *exotericamente*, o Sol visível, ou o oitavo Logos e, *esotericamente*, o *Segundo Logos*, o Demiurgo. Os sete (que agora se transformaram nos “Sete Olhos do Senhor” na religião cristã) eram os regentes dos sete *principais* planetas; mas eles não são reconhecidos de acordo com a enumeração concebida mais tarde por povos que haviam esquecido os reais *Mistérios*, ou tinham uma noção inadequada deles, e não incluíam nem o Sol, nem a Lua, nem a Terra. O Sol era o chefe, exotericamente, dos doze grandes deuses, ou constelações zodiacais; e, esotericamente, era o Messias, o Christos (o sujeito *ungido* pela Grande RESPIRAÇÃO, ou o UNO), rodeado por seus doze poderes subordinados, que também estão subordinados a cada um dos sete “Deuses-Mistérios” dos planetas.

“Os sete mais elevados fazem os Sete Lhas criarem o mundo”, afirma um Comentário; o que significa que a nossa Terra, deixando o resto de lado, foi *criada* ou formada por espíritos terrestres, e os “Regentes” são apenas os supervisores. Este é o primeiro germe, a semente daquilo que mais tarde cresceu e se transformou na Árvore da Astrologia e Astrolatria. Os Mais Elevados eram os *Cosmocratores*, os construtores do nosso sistema solar. Isto é confirmado por todas as Cosmogonias antigas: a de Hermes, a dos Caldeus, a dos Arianos, a dos Egípcios, e até mesmo a dos Judeus. O Cinturão do Céu, os signos do Zodíaco (os *animais Sagrados*) são tanto os Bne’ Alhim (Filhos dos Deuses ou dos Elohim) quanto os Espíritos da Terra; mas são anteriores. Soma e Sin, Ísis e Diana, são todos deuses ou deusas lunares, e são chamados de pais e mães da nossa Terra, que está subordinada a eles. Mas eles, por sua vez, estão subordinados aos seus “Pais” e “Mães” - estes últimos intercambiáveis e variando de acordo com cada nação - os deuses e seus planetas, tais como Júpiter, Saturno, Bel, Brihaspati, etc.

(c) “Sua respiração deu vida aos sete” se refere tanto ao Sol, que dá vida aos Planetas, quanto a “O Elevado”, o *Sol Espiritual*, que dá vida a todo o Cosmos. As chaves astronômicas e astrológicas do portão que leva aos mistérios da Teogonia podem ser encontradas apenas nos glossários - mais recentes - que acompanham as Estâncias.

Nos Slokas apocalípticos dos Arquivos Arcaicos, a linguagem é tão simbólica quanto nos Puranas, ainda que menos mitológica. Sem a ajuda dos *comentários* mais recentes, compilados por gerações de adeptos, seria impossível entender corretamente o significado deles. Nas Cosmogonias antigas, os mundos visíveis e invisíveis são as ligações duplas da mesma cadeia. Assim como o *Logos* invisível, com as suas sete hierarquias (representadas ou personificadas cada uma pelo seu anjo ou reitor principal) forma um PODER, interior e invisível, assim também, no mundo das Formas, o Sol e os sete principais Planetas constituem a potência visível e ativa; esta última “Hierarquia” é, digamos assim, o *Logos* visível e objetivo dos anjos sempre-subjetivos (exceto nos seus graus inferiores).

Deste modo - para antecipar um pouco e como forma de ilustração - afirma-se que cada Raça, em sua evolução, nasce sob a influência direta de um dos Planetas; sendo que a primeira Raça recebe o seu alento vital do Sol, como será visto mais tarde; por outro lado, afirma-se que a terceira humanidade - cujos membros caíram no processo de geração, e deixando de ser andróginos passaram a ser entidades separadas, macho e fêmea - está sob a influência direta de Vênus, “o *pequeno Sol* no qual o orbe solar guarda a sua luz”.

O conjunto das Estâncias do volume I mostrou a gênese ³⁵ de Deuses e homens como algo que ocorre em, e a partir de, um único e mesmo Ponto, que é a UNIDADE Única e Universal, Imutável, Eterna e Absoluta. No seu aspecto manifestado primário nós vimos esta UNIDADE transformar-se: (1) Na esfera da objetividade e da Física, em Substância Primordial e Força (centrípeta e centrífuga, positiva e negativa, masculina e feminina, etc., etc.); (2) No mundo da Metafísica, no ESPÍRITO DO UNIVERSO, ou Ideação Cósmica, chamada por alguns de LOGOS.

Este LOGOS é o ápice do triângulo Pitagórico. Quando o triângulo está completo ele se torna o Tetraktis, ou o Triângulo no Quadrado, e é o símbolo dual do *Tetragrammaton* de quatro letras no Cosmos manifestado, e do seu RAI0 radical tríplice no imanifestado, ou seu *númeno*.

Desde um ponto de vista mais metafísico, a classificação dada aqui dos Fundamentos Cósmicos ³⁶ é mais uma questão de conveniência do que de absoluta exatidão filosófica. No começo de um grande manvântara, Parabrahm se manifesta como Mulaprakriti e depois como o Logos. Este Logos é equivalente à “Mente Universal Inconsciente”, etc., dos panteístas ocidentais. Ele constitui a Base do lado-SUJEITO do Ser manifestado, e é a fonte de todas as manifestações de consciência individual. Mulaprakriti, ou Substância Cósmica Primordial, é o alicerce do lado-OBJETO das coisas - a base de toda a evolução objetiva e da Comogênese. A Força, portanto, não surge junto com a Substância Primordial a partir da Latência Parabrahmânica. A Força é *a transformação em energia do pensamento supraconsciente do Logos*, transmitido, digamos assim, na objetificação deste último a partir da latência potencial da Realidade Una. Disso surgem as maravilhosas leis da matéria: esta é a origem da “impressão primordial” tão inutilmente discutida pelo Bispo Temple ³⁷. Assim, Força *não é sincrônica com a primeira objetificação de Mulaprakriti*. Mas como, considerado sem a objetificação, Mulaprakriti é absolutamente e necessariamente inerte - *uma mera abstração* - não é necessário tecer uma teia demasiado espessa de sutilezas relativas à ordem de sucessão dos Fundamentos Cósmicos. A Força *sucede* Mulaprakriti; mas, destituído de Força, Mulaprakriti é para todos os efeitos e propósitos práticos algo não-existente. ³⁸

O “Homem-Celeste” (Tetragrammaton), que é o Protogonos, Tikkoun, o primogênito da divindade passiva e da primeira manifestação da sombra daquela divindade, é a ideia universal e a forma universal, que engendra o Logos manifestado, Adão Cadmon, ou, na Cabala, o símbolo de quatro letras do *próprio universo*, também chamado de *segundo Logos*. O segundo surge do primeiro e desenvolve o terceiro triângulo (veja a Árvore

³⁵ Segundo a erudita definição do dr. A. Wilder, Gênese, γένεσις, não é geração, mas “*um aparecimento do eterno no Cosmos e no Tempo*”: “uma transição de *esse* para *existere*”, ou, como diria um teosofista, “desde a EXISTENCIALIDADE para o ‘ser’.” (Nota de H. P. Blavatsky)

³⁶ No original, *Cosmic Ultimates*. Literalmente, “elementos ou fatores últimos (definitivos, primordiais, fundamentais) do cosmos”. (Nota do Tradutor)

³⁷ Frederick Temple, nascido em 1821, arcebispo de Canterbury. (Nota do Tradutor)

³⁸ Para uma explicação mais clara das origens segundo o esoterismo do *Bhagavad Gita*, veja as Notas sobre esta obra publicadas em “*The Theosophist*”, Índia, nas edições de fevereiro, março e junho de 1887. (Nota de H. P. Blavatsky)

Sefirotal); do último deles (a hoste inferior de Anjos) os HOMENS são gerados. É este terceiro aspecto que vamos examinar agora.

(...) (...) (...)

(A tradução prosseguirá)

000

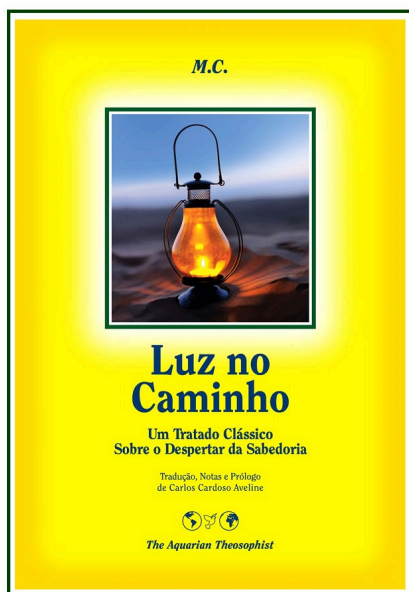
Este ponto do texto corresponde à metade superior da p. **25** do volume II da edição original em inglês.

Clique para chegar à [Abertura](#) da obra. Veja ali os links das diferentes partes do que já foi traduzido de “[A Doutrina Secreta](#)”:

<https://www.filosofiaesoterica.com/a-doutrina-secreta/>

000

Sobre o mistério do despertar individual para a sabedoria do universo, leia a edição luso-brasileira de “**Luz no Caminho**”, de M. C.



Com tradução, prólogo e notas de Carlos Cardoso Aveline, a obra tem sete capítulos, 85 páginas, e foi publicada em 2014 por “**The Aquarian Theosophist**”.

000